

1

Introdução

Justificativas

As origens da pesquisa desenvolvida neste trabalho, que tem como campo de interesse o vestuário dos escravos no Brasil, estão quando conheci as fotografias de Christiano Júnior sobre escravos do Rio de Janeiro no século XIX.¹ Foram-me marcantes aquelas imagens de homens e mulheres fotografados como *souvenirs* da população escrava da cidade.

Meu olhar, a princípio contemplativo, deteve-se nas roupas, observando peças, materiais, formas de uso e arranjo, e estado de conservação. Nesse processo curioso passei a examinar as imagens guiada pelo entendimento de vestimenta como mais do que a combinação de tecidos, peças e acessórios.

A roupa é um indicador material de cultura, variável de acordo com o contexto socioeconômico. Ela torna visíveis classificações, hierarquias e divisões do mundo social, e o seu estudo pode contribuir para a recuperação de práticas coletivas e individuais.

Partindo desse ponto de vista, minhas escolhas se voltaram para a investigação de formas de vestir de homens e mulheres submetidos à escravidão na expectativa de acrescentar elementos para a produção de conhecimento sobre a existência cativa.

Decidi dedicar minha atenção ao contexto histórico no qual as fotografias de Christiano Júnior foram realizadas, a cidade do Rio de Janeiro no século XIX. O valor dessa escolha se consolidou com o entendimento de que o contexto urbano compreende uma complexidade de situações e vivências cotidianas cuja dinâmica proporciona o constante fluxo de imagens e mensagens, participantes na produção de aspectos culturais, com a mistura de elementos gerando novos hábitos e práticas. Nesse sentido, no que tange à escravidão, identifiquei na cidade do Rio de Janeiro no século XIX aspectos relevantes para desenvolver o estudo pretendido.

Tendo em vista a feição que a cidade apresentava durante o século XIX, caracterizada pela existência generalizada da escravidão, é no Rio de Janeiro que a

1 AZEVEDO, Paulo César de; LISSOVSKY, Mauricio (Orgs.). **Escravos brasileiros do século XIX na fotografia de Christiano Júnior**. São Paulo: Ex-Libris, 1988.

escravidão urbana apresenta o seu aspecto mais notável, alvo de vários testemunhos, textuais e iconográficos, que registram as peculiaridades da vida escrava na cidade. Estudos têm mostrado que o Rio de Janeiro distinguiu-se efetivamente como o centro urbano mais importante do Império do Brasil, atuando como capital política, econômica e cultural do país.

A sua configuração demográfica destaca a cidade como a maior concentração urbana de escravos do país no século dezenove, qualificando-a como o contexto urbano mais representativo no período em termos de cotidiano escravo. Portanto, aspectos do cotidiano e do contexto sociocultural do Rio oitocentista, notadamente de sua população de cativos, assinalam o século XIX como uma época propícia para o estudo proposto.

No decurso de minhas pesquisas percebi que na produção historiográfica sobre a escravidão brasileira, assim como outros aspectos culturais da existência cativa, o vestuário usado pelos escravos é apresentado, de forma hegemônica, sob a ótica dos viajantes estrangeiros do século XIX. Nas escassas e breves abordagens disponíveis sobre as roupas usadas pelos escravos no período oitocentista predomina o uso de informações fornecidas nos registros textuais e iconográficos dos relatos de viagem.²

O uso recorrente de descrições textuais e imagéticas de viajantes como principais fontes documentais, ou mesmo exclusivas, propiciou a criação e a reprodução de estereótipos acerca da aparência dos escravos do Rio oitocentista, com a construção de tipos genéricos e uma realidade subestimada, forjando uma concepção estereotipada da visualidade de mulheres e homens negros, escravizados ou não.

Minhas pesquisas foram norteadas com o propósito de redimensionar o vestuário dos escravos, buscando novos elementos a esse respeito com a recuperação de práticas, hábitos e modos de vestir. Para tanto aponto algumas questões como marcos iniciais para o caminho a que me proponho percorrer.

Qual seria a dimensão do vestuário na demarcação de diferenças culturais e sociais, internas e externas da população escrava? Nas representações textuais e

² Mesmo no caso de estudos mais abrangentes e aprofundados sobre a vida dos escravos no Rio de Janeiro, quando abordadas formas e hábitos de vestir da população cativa da cidade prevalece adoção preponderante da ótica “estrangeira”, como o minucioso trabalho de Mary Karasch, no qual práticas de vestuário dos escravos são descritas a partir de textos e imagens de Debret e Rugendas. KARASCH, Mary. **Slave life in Rio de Janeiro: 1808-1850**. Princeton: Princeton University Press, 1987. p.130-131 e p.221-226 (traduzido por mim).

imagéticas, entre os aspectos que marcam a visualidade da escravidão, a roupa é um fator significativo na caracterização da população negra e escrava, associada a outros aspectos observados. A meu ver, na descrição da roupa, tipos de vestuário, associados a demarcações sociais e culturas de origem, generalizam e estereotipam a visualidade de homens e mulheres negros, escravizados ou não, igualando indivíduos através da implantação de formas de vestuário, a nudez, a seminudez e certos tipos de roupa.

Representações construídas acerca da aparência dos escravos criaram tipos genéricos de alcance limitado que não condizem com o contexto social, cultural e econômico do Rio de Janeiro oitocentista. Refletindo sobre as reações e negociações existentes no cotidiano do cativo, quais foram os caminhos e as formas como homens e mulheres escravizados marcaram suas diferenças com escolhas pessoais de vestuário?

Respondendo a essas indagações, pano de amostra da linha de desenvolvimento pretendida nesse estudo, meu objetivo é resgatar como escravos praticavam o vestir como expressão de crenças, costumes e valores sociais e culturais na experiência do cativo.

É bom deixar claro que não pretendo fazer desse estudo uma história da indumentária dos escravos, mas sim trazer à luz novos elementos, suscitar questões e preencher lacunas, com o intuito de ampliar a compreensão da cultura e do cotidiano dos escravos do Rio de Janeiro oitocentista.

Premissas

O crescente relacionamento da História com outras áreas de estudo tem propiciado uma visão mais ampla de contextos e processos históricos, com a construção de pesquisas norteadas pelo enfoque de cultura captada como atitudes, relações, práticas, sentimentos e crenças, sujeitos a variações tanto no tempo quanto no espaço. Nessa perspectiva de entendimento, a produção de conhecimento histórico no Brasil tem sido pautada por formas renovadas de olhar o passado, com a “releitura” de temas, examinados tanto no âmbito de macro quanto de micro-recortes através de abordagens desenvolvidas no campo da História Cultural.

Pesquisas sobre a escravidão são norteadas pela busca da “pessoalização” do escravo, com a existência cativa observada através de práticas e representações

do cotidiano, resgatando aspectos da participação destes diante do contexto sociocultural em que estavam inseridos. Nessa linha de abordagem e investigação está a aproximação da distância focal de aspectos da vida cativa, que incluem elementos da cultura material dos escravos.

Não é meu objetivo discorrer acerca da trajetória das pesquisas sobre a escravidão no Brasil. Entendo ser relevante destacar que, com a extensão de horizontes de investigação, a noção de documento histórico ampliou-se, com a incorporação de novos tipos de fonte e de novas formas de investigar fontes tradicionalmente empregadas.

É seguindo esse caminho que me proponho examinar hábitos e formas de vestir dos escravos da cidade do Rio de Janeiro no século XIX, considerando que diversos aspectos culturais e sociais são codificados e expressos na indumentária. O estudo do vestuário como um suporte material portador de significados tem várias dimensões, e entre as diferentes formas de acesso para a sua análise, enfoco o vestuário como um meio expressivo, abordando o seu universo material e simbólico. Para tanto, direciono minha atenção para as duas funções do vestuário: como alteração visual do corpo e como meio de comunicação interpessoal.³

A perspectiva de estudo desenvolvida inclui uma definição do vestuário em relação à classificação e à terminologia, na qual eu sustento o uso dos termos vestuário, roupa e indumentária, como formas sinônimas para designar mudanças visuais do corpo, não só através da cobertura corporal, mas, também, de itens adicionados a esta. Esse universo de características e propriedades concretas das roupas inclui elementos como forma, material, textura e cor, de peças e acessórios, presentes nas práticas de vestir adotadas não somente como adorno, mas portadoras de significados sociais e culturais.

O enfoque de propriedades materiais do vestuário não tem como propósito realização de um inventário de elementos que compõem tipos de roupa, mas o estabelecimento de uma tipologia de partes constituintes, identificáveis como eixo de um sistema. Essa perspectiva de abordagem articulada com o estudo do

3 Sobre o estudo do vestuário como sistema de comunicação e da produção de sentido a partir das roupas enquanto objetos físicos ver MACCRACKEN, Grant. Clothing as language: an object lesson in the study of the expressive properties of material culture. In: **Culture and Consumption**: new approaches to the symbolic character of consumer goods and activities. Bloomington: Indiana University Press, 1988, p. 57- 70; SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 199-225; BARTHES, Roland. **Sistema da moda**. São Paulo: Editora Nacional/EDUSP, 1979.

conteúdo social e cultural do vestuário compreende o exame de seus elementos nas diferentes situações cotidianas, as formas de uso e de arranjo, as permanências e ausências desses elementos.

Ainda que formas de vestuário caracterizassem e identificassem escravos e escravas do Rio de Janeiro no século XIX, entendo que essa questão tem sido tratada de forma limitada quando abordado o tema em estudos sobre a escravidão e a vida cativeira, com a criação e reprodução estereótipos raciais e culturais, incompatíveis com a diversidade cultural e racial do Rio de Janeiro oitocentista. Além da pluralidade étnica e dos tipos de trabalho escravo, de uma forma geral apontados como principais reguladores das roupas adotadas, existiam outros fatores que também influenciariam hábitos de vestuário de homens e mulheres cativos.

Ao investigarmos aspectos da cultura e do cotidiano dos escravos há de se ter em conta que foi através do olhar “do outro” que foram construídas imagens acerca do escravo em diversos setores da vida brasileira - língua, religião, música, culinária e vestuário, entre outros. As fontes documentais são essencialmente derivadas de *quem via* o escravo e não de *quem era* escravo, foi o “olhar branco” que conceituou a vida, afetiva, religiosa, cultural e material dos escravos, e seus descendentes. Por conseguinte, as informações sobre modos de vestir dos escravos do Rio de Janeiro no século XIX são provenientes de “representações do outro”.

Nesse sentido, para além das representações estético-ideológicas sobre a existência cativeira, criadas pela ótica de observação de “olhares brancos”, podem ser apreendidos nas roupas usadas por escravos aspectos sociais e culturais, expressos por propriedades ou combinação de propriedades de vestuário. Essa investigação se desenvolve com a verificação de constâncias e produção de adaptações, reconhecendo e avaliando significados entendidos por usuário e observador, através de uma postura crítica no trato com as fontes, tradicionalmente vistas enquanto construções do “outro”, e das quais podem ser extraídos elementos para um duplo e simultâneo intento: tentar enxergar o escravo como objeto e como sujeito.

Percurso

No decorrer da pesquisa detectei dois focos de conhecimento que embasam o desenvolvimento desse trabalho: como o escravo é observado ao

vestir-se, e como o escravo praticava o vestir. Duas possibilidades de investigação que apontam para duas linhas de abordagem, as quais denomino *o escravo vestido* e *o escravo vestindo*. A primeira está relacionada à “representação do outro”, com a existência de diferentes “olhares” sobre o escravo, com diferentes descrições sobre aspectos da indumentária, que participam na concepção de identidades individual e social para o escravo do Rio de Janeiro no século XIX.

O segundo, o *escravo vestindo*, está relacionado a possibilidades existentes no ato de vestir-se, utilizadas pelos escravos na construção cotidiana de uma identidade própria. Criação de práticas, possíveis, que permitiam a manifestação individual e coletiva de homens e mulheres, em busca de autonomia.

Meu objetivo é articular e contrapor esses dois focos de conhecimento de como, através das formas e hábitos de vestir, a sociedade, por seus interesses, via o escravo, e o escravo, por sua vez, manifestava seus interesses. Tendo em vista a investigação e a apreensão dessas duas nuances caracterizadoras do escravo, no trabalho com as fontes documentais adotadas - texto e imagem dos relatos e narrativas de viajantes, fotografias, e anúncios de fugas de escravos⁴ - distingo os seguintes níveis de estudo da indumentária escrava: a roupa “sem corpo”, com a abordagem desta como sistema composto por unidades constituintes - forma, material e cor - possibilitando a detecção de permanências, variações e transformações; a roupa “com corpo”, abordada considerando o conjunto de informações fornecidas em relação ao uso das roupas - estado de conservação, formas de uso, acessórios adotados - e em relação ao indivíduo - gênero, idade, aspecto físico, ocupação - entre outras, o que torna possível a identificação de práticas adotadas pelos escravos na construção de formas e hábitos de vestir; a associação da roupa à circunstância de uso, conforme descrições de situações envolvendo escravos.

Essa questão, tratada no âmbito do *escravo vestindo*, possibilita recuperar traços da dinâmica de apropriação e transformação de códigos ancestrais, entre os africanos e afro-descendentes, e preencher lacunas existentes para a reflexão de

4 Os registros imagéticos (gravuras, desenhos e fotografias) apresentados neste trabalho foram colhidos de reproduções de originais publicados em catálogos e livros especializados. O trabalho com as imagens não se limitou ao uso destas reproduções, com consultas realizadas nos acervos da **Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**, **Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro** e **Arquivo Central do IPHAN**.

como os escravos se relacionavam com o seu passado, com suas tradições étnicas, associando esse passado à realidade da escravidão.

O caminho construído para desenvolver o estudo proposto está estruturado em três capítulos. A investigação da existência de formas de vestuário peculiares da população escrava tem como questão preliminar o enfoque de aspectos e fatos da vida cativa, com a intenção de apreender elementos operantes na concepção, apropriação e transformação de hábitos de vestuário. Nesse sentido, no primeiro capítulo, *Cenários e cenas da escravidão na cidade do Rio de Janeiro: um panorama*, é apresentado um quadro sociocultural do Rio de Janeiro no período em questão. A intenção, com a recuperação de elementos sobre a presença da mão-de-obra escrava na cidade - tipos, paisagens, cenas e objetos presentes no cotidiano dos cativos no Rio de Janeiro – é levantar fatores materiais e simbólicos balizadores para as análises de representações e práticas do vestuário de escravos da cidade. No capítulo em questão é construído um panorama da vida cotidiana dos escravos na cidade desenvolvido a partir de dois principais planos de enfoque.

A primeira parte, *O Rio de Janeiro no século XIX: breve explanação*, é dedicada à configuração do mundo escravo, cuja organização era caracterizada pela presença de diferentes origens africanas e variada gama de funções e atividades que os escravos desempenhavam pelas ruas da cidade. Em relação à composição étnica da população cativa são abordados os conceitos de *nação*, *comunidades imaginadas* e *grupos de procedência*, desenvolvidos pelas autoras Mary Karasch e Mariza Soares.⁵

Na segunda parte, *Sobre a escravidão no Rio oitocentista*, são abordadas características da escravidão na cidade com a recuperação de aspectos socioculturais do contexto escravista, visando investigar e avaliar a participação e a interação do escravo no cotidiano do cativo. Nesse sentido, são focalizadas situações e vivências cotidianas, inquirindo como os atores sociais em questão se

5 KARASCH, Mary, op. cit., e KARASCH, Mary, “Minha nação”: identidades escravas no fim do Brasil colonial. In: SILVA, Maria Beatriz Nizza da (Org.). **Brasil – colonização e escravidão**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 127-139; SOARES, Mariza de Carvalho. **Devotos da cor: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, séc. XVIII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

movimentavam, interagiam e atuavam, distinguindo a existência de unidades culturais e sociais,⁶ em especial a “África Pequena”.⁷

Aproximando a distância focal, na terceira parte, *Ambiência e cotidiano da escravidão na cidade: trabalho e ócio, diversão e devoção*, investigo dinâmicas sociais e culturais que operavam a existência cativa. Nesse momento busco identificar os diferentes tempos que regulavam a vida cativa, abordando formas de socialização e interação, imagens e símbolos, relacionados às práticas de trabalho, religiosas e sociais. Nesse item, sobre o contexto de associações e separações que caracterizavam diferentes grupos étnicos da cidade, destacavam-se as irmandades religiosas. Associações firmadas por devoção a um santo específico, as irmandades congregavam homens e mulheres, proporcionando a escravos e libertos, africanos e brasileiros, um sentido de identidade religiosa e, também, social.⁸

Também será focada nesse item a dinâmica do trabalho escravo na cidade, marcado pela existência de modalidades de escravidão, *de ganho* e *de aluguel*, que possibilitavam aos cativos uma significativa autonomia e o convívio em ambiências e situações diversas. Um dos aspectos que se destaca nesse sentido é a existência dos *cantos* de trabalho, nas ruas, praças, chafarizes e mercados, onde os escravos *de ganho*, nas mais variadas funções, ficavam à disposição de quem quisesse contratar os seus serviços. Nesses pontos de encontro cativos de uma mesma nação, ou ligados em identidades criadas no Brasil, cotidianamente conviviam com semelhanças e diferenças culturais que, entre outros aspectos, proporcionava o contato com diferentes hábitos de vestir.

Enquanto estratégia de investigação, a perspectiva de abordagem adotada nesse capítulo visa pesquisar fatores materiais e simbólicos atuantes no ato de vestir-se, examinando aspectos que irão balizar as análises de práticas e representações de vestuário dos cativos do Rio de Janeiro desenvolvidas nos capítulos seguintes.

6 Sobre a divisão, nos espaços urbanos e nas atividades de trabalho, da população de escravos e libertos, africanos e brasileiros, e livres, brasileiros e emigrantes, no Rio de Janeiro no século XIX, ver KARASCH, Mary, op. cit., 1987 e RIBEIRO, Gladys Sabina. **A liberdade em construção: identidade nacional e conflitos antilusitanos no Primeiro reinado**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

7 Ver SILVA, Eduardo. **Dom Oba II d’África, o príncipe do povo: vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p.81, e MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983.

8 Ver SOARES, Mariza de Carvalho, op. cit., e KARASCH, Mary, op. cit., 1987.

No segundo capítulo, *O escravo vestido: representações das formas de vestir da escravidão*, examino construções textuais e imagéticas sobre o escravo buscando perceber como hábitos e modos de vestir eram apreendidos. Para investigar hábitos e práticas de vestuário dos escravos nas cenas e situações registradas em textos e imagens sobre a escravidão, o capítulo em questão é dedicado ao exame de registros textuais e imagéticos de Jean Baptiste Debret, Jean Louis Agassiz e sua esposa Elizabeth Agassiz, e de fotografias de Christiano Júnior. O procedimento adotado consiste em analisá-los como representações que mostram como seus autores observavam, apreendiam e interpretavam a existência cativa.

Para tanto, sem a pretensão de detalhar acepções e usos, parto inicialmente da idéia de que as representações são formas de “modelar” a sociedade através do diálogo do autor com os modos de existência de seu tempo e de acordo com a sua habilidade de reproduzir sentimentos, necessidades, crenças e valores. Tal abordagem leva à definição de uma estratégia de compreensão das representações na produção de conhecimento histórico, embasada na noção de *representação* a partir dos pressupostos formulados por Roger Chartier, que a define como “o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler”.⁹

Chartier aponta caminhos a serem seguidos:

o primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e apreensão do real. Variáveis consoante as classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado.¹⁰

A partir desta afirmação pode-se concluir que as representações são categorias que tanto definem o que é real para um determinado grupo/indivíduo, quanto mantêm uma relação de mão dupla com esse real, pois as representações tanto se originam de “esquemas mentais incorporados” quanto servem de balizadores e meio de acesso à compreensão da realidade social.

9 CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Editora Bertrand, 1990, p. 17.

10 Id. *ibid.*, p. 16-17.

As representações estariam alicerçadas no campo de forças entre o “eu-indivíduo” e o “nós-sociedade”. Esse jogo estabelecido entre o indivíduo e o social levou Chartier a pensar nas representações como coletivas e definidoras de identidades sociais, ou seja, ao serem partilhadas por um grupo podem constituir um referencial comum de entendimento do mundo e de si, uma identidade.

Nesse trabalho de relacionar representações e identidades sociais, torna-se necessário articular as categorias através das quais o social é percebido por diferentes grupos e as formas pelas quais o grupo/indivíduo se percebe como participante do social; as “práticas”, os meios objetivos de ação pelo qual um determinado grupo/indivíduo exibe uma maneira própria de estar no mundo; e as “formas institucionalizadas” pelas quais um indivíduo/grupo marca, singulariza e legitima a sua existência.

Segundo Chartier, trabalhar com *representação*, entendida como uma imagem presente de um objeto ausente apresenta uma questão fundamental: a da variabilidade e da pluralidade de compreensões (ou incompreensões) das representações do mundo social propostas em imagens e textos. Essa questão tem a ver com as classificações e exclusões que constituem na sua diferença radical as configurações coletivas ou singulares próprias de um tempo e de um espaço.

A conceituação teórica apresentada pelo psicólogo social Jodelet também contém elementos que podem contribuir para o desenvolvimento de análises de representações na perspectiva proposta. A partir da premissa de que existem formas diferentes de conhecer e de se comunicar, guiadas por objetivos diferentes, Jodelet define representação social como “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”,¹¹ observando-se que o processo de produção, circulação, apropriação e contestação das representações sociais dimensiona a sua competência histórica, pois “junta aspectos culturais, cognitivos e valorativos, isto é, ideológicos”.¹² Desse modo, as representações são, essencialmente, fenômenos sociais que, mesmo acessados a partir do seu conteúdo cognitivo, têm de ser entendidos a partir de seu contexto de produção.

11 Citado por GUARESHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 202.

12 Id. *ibid*.

Ou seja, a partir das funções simbólicas e ideológicas a que servem e das formas de comunicação onde circulam.

Em relação ao percurso investigativo adotado destaco três perguntas iniciais que norteiam o seu desenvolvimento: quem está observando, o que está observando, e o que faz da observação? Perguntas basilares que correspondem a diferentes fases de análise realizadas com os relatos de viagem e as fotografias. Dessa forma, com o enfoque do vestuário como um sistema indicador de valores, relacionados tanto à escravidão quanto ao indivíduo escravo, busco indagar os relatos de viagem e as fotografias, caso a caso, buscando nas formas de vestir representadas a autenticação de categorias, a legitimação de autoridade e a criação de valor.

Tendo em vista que as fontes documentais textuais e imagéticas trabalhadas – relatos de viagem e fotografias - são essencialmente derivadas de quem vê o escravo, as análises das representações que essas fontes apresentam visam perceber formas com que a sociedade concebia, e utilizava, do escravo. O procedimento adotado consiste em analisá-las enquanto representações que mostram como seus autores, e a sociedade como um todo, observavam e interpretavam a existência cativa. A verificação da alteridade nessas representações é um processo, no qual, entre os que observavam e os que são observados, se interpõem formas de diálogo do autor com os modos de existência de seu tempo e de acordo com a capacidade de reproduzir sentimentos, necessidades, crenças e valores.

Nesse sentido, são consideradas as seguintes questões: a caracterização dos tipos de descrição, a identificação de padrões descritivos e o entendimento do porquê as descrições são como são. A análise das representações compreende a identificação de informações, em um primeiro momento explícitas no que diz respeito a dados empíricos sobre vestuário, como forma, material e cor. Essa inquirição é acompanhada da observação de maneiras de uso e combinação dos elementos constituintes das roupas, identificando a demarcação de diferenças, autenticação de categorias e princípios culturais e produção de sentido. As indagações e análises desenvolvidas têm como objetivo a verificação de formas de percepção e representação das roupas observadas, e o encadeamento de questões para a identificação e verificação de práticas de vestuário adotadas pelo escravo.

As investigações realizadas no capítulo em questão são desenvolvidas tendo como estrutura principal dois pontos focais: *Texto e imagem do escravo do Rio de Janeiro nos relatos de viagem* e *A imagem fotográfica do escravo: formas e hábitos de vestir nos retratos de Christiano Júnior*.

No primeiro, construções textuais e imagéticas de viajantes são apresentadas e analisadas com o objetivo de mostrar como esses autores observavam e interpretavam a existência cativa. Aproximando a distância focal buscando perceber a participação da roupa na construção da identidade escrava no Rio de Janeiro, dedico especial atenção à análise de dois relatos de viagem: *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil* de Jean Baptiste Debret e *Viagem ao Brasil 1865-1866* de Jean Louis Agassiz e Elizabeth Agassiz.¹³ Além de detectar aspectos empíricos, busco o que podem oferecer texto e imagem dos dois relatos em questão como construções discursivas que servem de suporte a representações do mundo social e cultural experimentado pelos viajantes estrangeiros.

No segundo ponto de enfoque, examino especificidades da linguagem fotográfica, em especial a técnica do retrato, e investigo a representação do escravo na fotografia, abordando o olhar de diferentes fotógrafos sobre a escravidão e o escravo no Brasil, em criações imagéticas disseminadas no Brasil e no exterior. Sobre o escravo no Rio de Janeiro, em particular sobre hábitos e formas de vestuário, adoto como objeto de análise fotografias realizadas por Christiano Júnior. Representações imagéticas de homens e mulheres cativos em retratos *de busto* e *de corpo inteiro*, realizados no Rio de Janeiro no período de 1864 a 1866 para fins comerciais.

Minhas análises dos registros fotográficos de Christiano Júnior estão embasadas na compreensão que os “fotógrafos não representam reflexos da realidade, mas representações da realidade”.¹⁴ A interpretação de conteúdo de uma fotografia, portanto, requer cuidados para que inferências decorrentes da evidência de testemunho do que está explícito visualmente na imagem fotográfica não comprometam a busca de conhecimento histórico. No desenvolvimento de minhas análises busquei embasamento nos estudos realizados por Boris Kossoy

13 DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1978. 2v. AGASSIZ, Luiz; AGASSIZ, Elizabeth Cary. **Viagem ao Brasil: 1865-1866**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

14 BURKE, Peter (Org.). **A escrita da História**. São Paulo: UNESP, 1992, p.26.

sobre o uso de fotografias nas investigações no campo da História.¹⁵ Em seu trabalho, o autor propõe um conjunto de princípios e um modelo metodológico de pesquisa e análise crítica das fontes fotográficas, tanto na sua individualidade quanto no seu aproveitamento na recuperação de informações nos estudos históricos.

De acordo com análises realizadas com registros imagéticos considero relevante destacar que, sobre a imagem na produção de conhecimento, podem ser identificados dois níveis diferentes de abordagem. Em um primeiro nível, a imagem é empregada especialmente na condição de testemunho. Uma visão importante, porém ainda limitada, pois reconhece a legitimidade do documento iconográfico ao lado do documento verbal, mas continua tratando a imagem como testemunho empírico ilustrativo.

Apesar dos significativos avanços metodológicos no uso de imagens, em minhas pesquisas bibliográficas verifiquei essa forma de abordagem de registros imagéticos nas investigações sobre a existência cativa, com caráter apenas complementar ao texto, funcionando como ilustração (entenda-se aqui ilustração como desenho ou imagem que acompanha um texto)

Em um segundo nível, a imagem é trabalhada através de sua abordagem primaz como fonte documental, atuando como instrumento na produção de conhecimento histórico. É nessa segunda perspectiva de abordagem que vejo a possibilidade de explorar o potencial dessas fontes para a apreensão de hábitos e formas de vestuário dos escravos em um contexto mais amplo. Além de dados empíricos – como tipos de peças, cores e tecidos, formas de uso e estado de conservação, as imagens (desenhos, gravuras e fotografias) enquanto representações visuais relacionam roupas e formas de vestir a pessoas, objetos e fatos da existência cativa.

Diferentes e variadas são as orientações metodológicas construídas no desenvolvimento de abordagens de fontes iconográficas, dentre as quais uma significativa parcela trata a imagem visual como testemunho empírico. Alguns pesquisadores têm trabalhado com essas fontes adotando uma análise de imagens tendo em vista a sua qualidade de tornar concreto o que é abstrato; condensar, sintetizar; tornar valores e significados explícitos; mobilizar afetivamente; induzir a comportamentos. Essa perspectiva de investigação tem sido mais frequente, no

15 KOSSOY, Boris, **Fotografia e História** São Paulo: Editora Ática, 1989.

entanto, no trabalho com fontes fotográficas, sendo dedicados a outros tipos de documentos iconográficos, como pintura e desenho, um tratamento histórico ainda limitado e fragmentário.

Uma questão importante que encerra uma investigação histórica embasada no uso e aplicação de fontes imagéticas diz respeito à metodologia utilizada. Como apontado por Howard Becker,¹⁶ toda pesquisa apresenta desafios metodológicos inéditos, não existindo nenhuma sistematização *a priori* a ser aplicada, mas sim construída a partir dos próprios objetivos que norteiam a pesquisa. Minhas leituras das imagens foram orientadas por questões precisas, elaboradas com a interação entre as fontes visuais e aspectos sociais e culturais do quadro histórico delineado, tendo como base de análise as três perguntas já apontadas como meio para investigar representações textuais e imagéticas: quem está observando, o que está observando, e o que faz da observação?

Com a inexistência de testemunhos dos próprios escravos, assim como em outros trabalhos preocupados em resgatar aspectos da cultura e da experiência dos cativos, ampliar a compreensão de práticas e hábitos de vestuário, portanto, requer o trato de informações alheias aos escravos, oferecidas em registros de observadores não negros e não escravos, ou seja, de representações construídas pelo “olhar do outro”.

Contudo, o escravo não é testemunha silenciosa de sua época e possibilidades de recuperar a visão do escravo sobre o seu tempo estão na investigação de atitudes, formas de convívio, costumes e práticas. Enxergar nas fontes valores e concepções de mundo dos cativos significa resgatar aspectos sociais e culturais de interpretações e representações sobre fenômenos particulares que as fontes oferecem.

Ao enfrentar tal desafio não me detive em nenhuma concepção teórico-metodológica *a priori* em particular. Um dos caminhos adotados como via de acesso diz respeito à questão da indumentária e o estudo da cultura, e para percorrer esse caminho encontro em Grant MacCracken¹⁷ e Marshall Sahlins¹⁸ marcos referenciais para o estudo do vestuário enquanto objeto físico produtor e informador de significados culturais.

16 BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: HUCITEC, 1994.

17 MACCRACKEN, Grant, op. cit.

18 SAHLINS, Marshall, op. cit.

MacCracken desenvolve um estudo do vestuário como um exemplo de cultura material, enfocando especificamente uma das várias dimensões possíveis desse tipo de abordagem, o vestuário como um meio expressivo, capaz de servir como registro visível de categorias e princípios culturais. Sahlins, por sua vez, fundamenta um método para o estudo sistemático do vestuário como sistema de comunicação, desenvolvendo uma análise estrutural deste como um sistema, com a definição de regras de seleção e combinação de partes constituintes.

A aproximação a esses dois autores compreende a articulação dos enfoques que desenvolvem sobre a indumentária. Tal identificação não significa a adoção de suas metodologias de interpretação e análise, mas sim um esforço no sentido de perceber formas de vestir apreendidas em duas dimensões, material e simbólica.

Parto do princípio de que roupa é um meio pelo qual uma pessoa comunica seu eu como indivíduo para outros. Permite identificar eu pessoal e eu comunitário, e eu em relação aqueles de outros grupos. Em um sentido amplo, através de sua capacidade de simbolizar o que é e o que deveria ou gostaria ser, a roupa está relacionada à ação social e comunicação em um modo dinâmico.

Durante a escravidão roupas e adornos corporificariam uma forma de marcar diferenças e pertencimentos sociais e culturais, com a criação de identidades historicamente específicas. Assim como eram atribuídas aos escravos formas de vestir, estes, em muitos casos, subverteram isto marcando suas diferenças com escolhas pessoais de vestuário, buscando re-elaboração visual, individual e coletiva.

É seguindo essa linha de compreensão e apreensão da roupa que no terceiro capítulo, *O escravo vestindo: entre rendas e andrajos*, investigo formas de uso e apropriação de elementos de vestuário pelos escravos, na expectativa de verificar como escravos do Rio de Janeiro do século XIX praticavam o vestir. Ao focalizar maneiras pelas quais roupas e adornos foram usados, busco chegar mais perto do entendimento de como pessoas que não tinham legalmente o direito de decidir sobre si mesmos, contudo arranjaram-se para se revelar como seres humanos individuais e comunais pelas suas roupas.

É certo afirmar que, de uma forma geral, a preferência pessoal por modelo, tecido ou cor da roupa não era fator preponderante nas formas de vestir usadas por homens e mulheres submetidos à escravidão. Fatores determinantes

limitavam o escravo no uso de itens de vestuário de acordo com seu gosto ou necessidade. O que não significa, porém, a inexistência de variações e nuances, considerando, principalmente, a vida escrava no Rio de Janeiro.

Tendo em vista possibilidades de manipulação existentes no ato de vestir-se e a existência nos escravos da capacidade e iniciativa de reação e adaptação frente às condições impostas pela escravidão, nesse capítulo desenvolvo um estudo sobre como indivíduos escravizados atuavam sobre seus próprios corpos com escolhas pessoais de vestuário, a depender da oportunidade e das circunstâncias.

Nesta etapa de minhas pesquisas aproximo-me de dois pólos de interesse: inserção no novo contexto social oferecido e herança cultural como sobrevivência de suas raízes étnicas. Relacionados a estas questões, o terceiro capítulo avança com a construção de dois caminhos investigativos para enxergar alternativas de comportamento dos cativos nas suas formas de vestir.

Na primeira parte, *Se vestir para existir no mundo, se vestir para sumir no mundo*, trabalhando fundamentalmente com o uso documental de anúncios de fugas de escravos publicados em jornais da época,¹⁹ enfoco a roupa em um aspecto específico da existência cativa: a fuga. Fossem na expectativa de “desaparecer” em meio à multidão de escravos da cidade ou para “parecer” mais um liberto pela alforria, tanto homens como mulheres, de diferentes idades, recorreram à fuga na tentativa de romper com a dominação senhorial, fugindo de maus tratos, por melhores condições de vida e trabalho ou até mesmo conseguir liberdade ainda em vida.

É certo que o anúncio de fuga é uma descrição do escravo sob o ponto de vista de seu proprietário, portanto uma forma de “representação do outro”, e não a manifestação verbal do próprio escravo sobre ele mesmo. Porém, sobre a sua peculiaridade enquanto fonte que mais possibilitaria ampliar a compreensão de como o escravo praticava o vestir, me remeto ao trabalho de Gilberto Freyre, dedicado à interpretação do escravo nos anúncios dos jornais do século XIX. O autor destaca a significativa relevância documental do anúncio de fuga, devido à

19 *Diário do Rio de Janeiro*, *Gazeta de Notícias* e *Jornal do Comércio*.

objetividade e exatidão de seu conteúdo descritivo, da qual dependia a recuperação do escravo fugido.²⁰

A fim de facilitar a identificação e a captura de escravo fugido, no conjunto das várias informações fornecido nos anúncios de fuga, são apresentados dados como nome, idade, origem, ocupação e atributos físicos do escravo. As roupas e acessórios usados e/ou levados no ato da fuga são descritos na maioria das vezes de forma detalhada.

Não desconsiderando a importância dos anúncios para resgatar aspectos formais e materiais do vestuário de escravos, mas indo além da criação de um inventário de peças e tecidos, meu propósito, explorando o potencial significativo e peculiar dos anúncios, é a contextualização da roupa no conjunto de aspectos fornecidos, com a individualização do escravo e dados circunstanciais.

Uma das maneiras, tradicionalmente apontada pela historiografia como a mais característica de distinguir visualmente um cativo de um liberto estava na relação descalço-escravo, com a presença de sapatos no vestuário de um indivíduo negro atribuindo a este a condição de liberto, mesmo que tal fato não correspondesse à realidade. Sua aplicação, de uma forma geral, é estendida a toda a população escrava, durante todo o longo período da escravidão brasileira, registrada em textos e imagens dos relatos de viagem e fotografias.

O desconhecimento da existência de proibição legal do uso de calçados por homens e mulheres escravizados vem reforçar que seria uma dedução simplista entender que andar descalço seria uma prática adotada por imposição senhorial e que todos os escravizados a ela se sujeitaram, principalmente em um contexto urbano com as características do Rio de Janeiro.

Esta questão sobre uso e não uso de calçados, ora brevemente tratada, estende-se a outros elementos componentes de vestuário e está relacionada ao significado simbólico enunciativo do vestuário abordado por Marshall Sahlins. Partindo da afirmação de que “a vestimenta como um todo é uma manifestação, desenvolvida a partir da combinação específica de partes de roupas e em contraste com outras vestimentas completas”,²¹ Sahlins fundamenta suas análises na

20 FREYRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

21 SAHLINS, Marshall, op. cit., p.200.

capacidade da indumentária enquanto objeto físico, de produzir significado cultural.

Afirmando “como certos significados sociais estão relacionados com contrastes físicos elementares no objeto do vestuário”,²² o autor estabelece o estudo da indumentária tendo em vista as relações existentes entre significados sociais e unidades elementares que constituem o vestuário – forma, cor e material.

Com o apoio de outras fontes de consulta, nesta primeira parte do terceiro capítulo examino aspectos materiais e simbólicos de práticas de vestir buscando ampliar o seu horizonte de atuação do universo dos escravos fugidos para a existência cativa. Esta possibilidade justifica-se na numerosa e contínua publicação de anúncios de fugas no decorrer do século XIX com um expressivo alcance investigativo, seja na quantidade e na qualidade informativa.

Relacionada ao outro pólo de interesse, a segunda parte do capítulo, *Manifestações híbridas: cultura herdada e experiência vivida*, é dedicada à investigação de concepções e práticas culturais visando ampliar o entendimento de manifestações de vestuário que refletiriam a introjeção e associação de cultura herdada e experiência vivida no contexto da escravidão. Para tanto me reportei a estudos etnográficos sobre a África Centro-Ocidental, região originária dos principais grupos étnicos que compunham a população negra do Rio de Janeiro.

A existência de diferentes grupos de origem que integravam a população cativa da cidade, composta por africanos e crioulos, que cotidianamente interagiriam em um ambiente social e culturalmente diversificado, ocasionaria a adoção e a mistura nas roupas e adornos de elementos provenientes de diferentes matrizes - africanos, brasileiros e europeus. Um processo de hibridismo que compreenderia a atenuação, a substituição e a re-interpretação de aspectos étnicos africanos, com a manifestação individual e coletiva de homens e mulheres cativos no ato de vestir-se, refletindo não só herança cultural, mas também experiência vivida.

Através do caminho investigativo desenvolvido nos três capítulos que compõem este trabalho entendo ser possível desvendar algumas facetas da condição cativa da época. Enxergar alternativas de comportamento conhecendo os instrumentos simbólicos e as possibilidades oferecidas no dia-a-dia do cativo de

22 Id. *ibid.*, p.200.

impulsionar e conjugar esses instrumentos na construção de identidades e alteridades sociais, para além daquelas impostas pela escravidão

Faz parte desse percurso investigativo avaliar a dimensão do vestuário na enunciação e demarcação de diferenças culturais e sociais internas e externas da população escrava. Investigar o papel do vestuário na vida dos escravos significa, também, reelaborar aspectos da imagem individual e coletiva dos cativos da cidade do Rio de Janeiro.